

DO THE TIMES, LONDRES.

27 de dezembro, 2008

COMO UM ATEU, EU REALMENTE CREIO QUE A ÁFRICA PRECISA DE DEUS

Os missionários, e não a ajuda financeira, são a solução para o maior problema da África – a passividade dominante da disposição do povo.

Pelo eminente correspondente, Matthew Parris.

Antes do Natal, depois de 45 anos, retornei ao país que, quando eu era menino, era conhecido como Nyasaland. Atualmente se chama Malawi, e o *The Times Christmas Appeal* inclui uma pequena instituição de caridade que funciona lá. A Pump Aid ajuda as comunidades rurais a instalarem bombas hidráulicas, permitindo ao povo manter seus poços fechados e limpos. Eu vi esse trabalho.

Isto me inspirou, renovando minha fé débil nas instituições de caridade de desenvolvimento. Mas viajar por Malawi renovou-me outra crença também: uma que tentei banir toda a minha vida, mas uma observação que sou incapaz de evitar desde minha infância na África confunde minhas crenças ideológicas, teimosamente recusa-se a se encaixar em minha visão de mundo, e embaraça a minha crença crescente de que não há Deus.

Agora, eu, um ateu convicto, fiquei convencido da enorme contribuição que o evangelismo faz pela África: claramente diferente do trabalho das ONG's seculares, projetos governamentais e dos esforços de ajuda internacional. Sozinhos não funcionarão. Educação e treinamento sozinhos não funcionarão. Na África, o cristianismo muda os corações das pessoas. Ele traz uma transformação espiritual. O renascimento é real. A transformação é boa.

Eu costumava evitar esta verdade ao aplaudir – como você poderia – o trabalho prático das igrejas missionárias na África. É uma pena, eu diria que a salvação seja parte do pacote, mas os cristãos brancos e negros trabalhando na África curam os doentes, ensinam as pessoas a ler e a escrever; e somente o secularista do tipo mais severo veria um hospital ou escola missionários e diria que o mundo ficaria melhor sem eles. Eu levaria em conta que se a fé fosse necessária para motivar os missionários a ajudar, então, ótimo: mas o que conta é a ajuda, não a fé.

Mas isto não serve aos fatos. A fé faz mais que apoiar o missionário; ela também é transferida ao seu grupo. Este é o efeito que importa tão imensamente, e que não posso ajudar a observar.

Então, primeiro a observação. Tínhamos amigos que eram missionários, e quando criança, eu ficava entre eles com frequência; eu também fiquei sozinho com minha irmãzinha, em uma aldeia rural africana tradicional. Na cidade tínhamos ao nosso serviço, africanos que eram convertidos e eram muito fervorosos. Os cristãos eram sempre diferentes. Longe de ter arrebanhado ou confinado seus convertidos, sua fé parecia tê-los libertado e relaxado. Havia uma vivacidade, uma curiosidade, um compromisso com o mundo – uma retidão em seu trato com os outros – que parecia estar ausente na vida tradicional africana. Eles permaneciam superiores.

Aos 24 anos, esta impressão foi reforçada ao viajar por terra pelo continente. Da Argélia ao Níger, Nigéria, Camarões e República Centro-Africana, depois direto do Congo até Ruanda, Tanzânia e Quênia, quatro amigos e eu dirigíamos nosso velho Land Rover até Nairóbi. Era importante dormir sob as estrelas, porque tínhamos alcançado as partes mais populosas e sem lei da África subsaariana, onde sempre achávamos algum lugar seguro ao anoitecer. Sempre próximo a uma missão.

Sempre que entrávamos em um território onde havia trabalho missionário, tínhamos que reconhecer que algo havia mudado nos rostos das pessoas por quem passávamos e com quem conversávamos: algo em seus olhos, o modo direto que nos abordavam, homem-a-homem, sem desviar o olhar ou olhar para baixo. Eles não tinham se tornado mais reverentes com os estrangeiros – em algumas maneiras até menos – porém mais abertos.

Dessa vez em Malawi foi o mesmo. Não me encontrei com missionários. Você não encontra missionários nos saguões de hotéis caros discutindo documentos estratégicos de desenvolvimento, como se vê com as grandes ONG's. Pelo contrário, percebi que um punhado dos membros africanos mais admiráveis do grupo Pump Aid (sobretudo do Zimbábue) era, em particular, de cristãos fervorosos. "Em particular" porque a instituição é completamente secular e nunca ouvi nenhum de seus membros mencionarem religião enquanto trabalhavam nas aldeias. Mas eu percebi referências cristãs em nossas conversas. Eu vi um deles estudando um texto devocional no carro. No domingo, outro foi para a igreja pela manhã para um culto de duas horas.

Agradar-me-ia acreditar que sua honestidade, diligência e otimismo no trabalho eram desconectados de sua fé pessoal. O trabalho deles era secular, mas certamente afetado pelo que eles eram. O que eles eram, por sua vez, era influenciado pelo conceito que o Cristianismo lhes tinha ensinado sobre o lugar do homem no Universo.

Tem existido por muito tempo um hábito entre os sociólogos acadêmicos ocidentais de colocar os sistemas de valores tribais dentro de uma redoma, acima das críticas encontradas em nossa própria cultura: "deles" e, por conseguinte melhor para "eles"; autêntico e de valor intrinsecamente igual aos nossos.

Eu não sigo isto. Observo que a crença tribal não é mais pacífica do que as nossas; e que ela sufoca a individualidade. As pessoas pensam coletivamente. Primeiro em termos de comunidade, família estendida e tribo. Essa disposição rural tradicional produz o "grande homem" e os gângsteres políticos da cidade africana: o respeito exagerado a um líder arrogante, e a incapacidade (literal) de entender a idéia geral da oposição leal.

A ansiedade – os medos de espíritos do mal, dos ancestrais, da natureza e do vento, de uma hierarquia tribal, e de muitas coisas cotidianas – atinge profundamente a estrutura geral do pensamento rural africano. Cada homem tem seu lugar e, chame a isto medo ou respeito, um grande peso fragmenta o espírito individual, atrofiando a curiosidade. As pessoas não tomam a iniciativa, não assumem as coisas com suas próprias mãos ou sobre seus próprios ombros.

Como eu poderia, como uma pessoa que tem um pé em cada campo, explicar? Quando um turista filosófico muda de uma visão de mundo para outra, ele descobre – no momento exato da passagem para a nova visão – que perde a capacidade para descrever o pano de fundo da velha. Mas permita-me dar um exemplo: a resposta para a questão dada por Sir Edmund Hillary: Por que escalar a montanha? "Porque ela está ali," disse ele.

Para a mente rural africana, isto é uma explicação do porque alguém não iria escalar a montanha. Ela está... bem, ali. Bem ali. Por que interferir? Não há nada a se fazer a respeito dela ou com ela. A explicação detalhada de Hillary – que ninguém mais a tinha escalado – se tornaria a segunda razão para a passividade.

O Cristianismo, pós-Reforma e pós-Lutero, com o seu ensino de acesso pessoal, direto e de mão dupla entre o indivíduo e Deus, não mediado pelo coletivo, e não subordinado a nenhum outro ser humano, parte direto através do quadro filosófico/espiritual que acabei de descrever. Ele oferece algo para agarrar-se, para aqueles que estão ansiosos por rejeitarem pensamentos tribais coletivos destruidores. Este é o mecanismo pelo qual ele liberta.

Para aqueles que querem que a África caminhe ereta em meio ao século 21, a competição global não deve iludi-los de que os meios materiais ou até mesmo o know-how que acompanha aquilo que chamamos de desenvolvimento, traga a mudança. Primeiramente, um sistema geral de crenças deve ser suplantado. E temo que tenha que ser suplantado por outro. Remover o evangelismo cristão da equação africana pode deixar o continente à mercê de uma fusão maligna entre a Nike, o curandeirismo, o telefone celular e o facão.

[Retornar á última edição do Jornal Missionário](#)